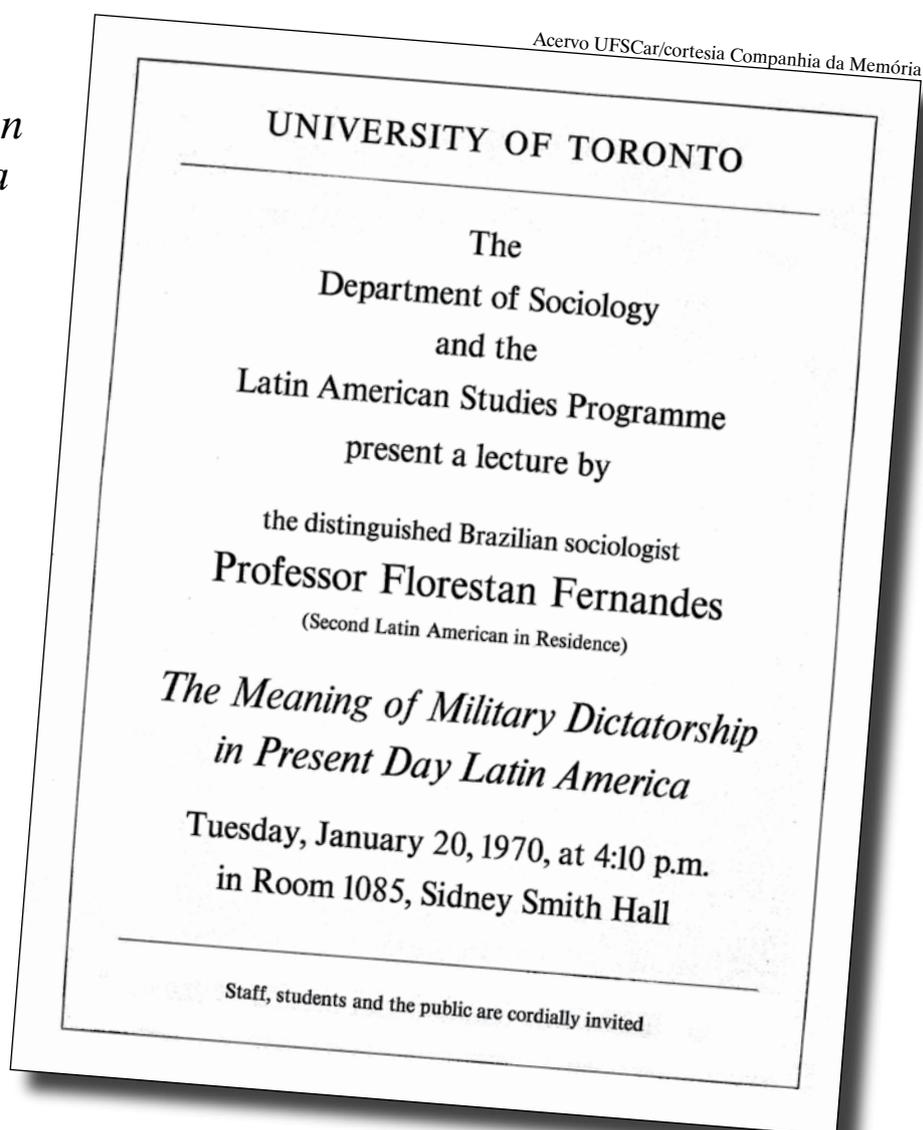


# UMA UNANIMIDADE, MUITAS HOMENAGENS

Antonio Biondi  
Jornalista

*A “aposentadoria compulsória” de Florestan em 1969 — na verdade a cassação, pela Ditadura, de seus direitos e sua condição de professor da USP — foi objeto de análise nas homenagens prestadas à sua memória, por ocasião do décimo aniversário de sua morte. Recordou-se que, após lecionar por algum tempo no Canadá (como registra o cartaz publicado nesta página), Florestan voltou a dar aulas no Brasil, mas optou pela PUC*





Florestan com Gilberto Freyre, em Münster

**E**m 22 de julho de 2005, Florestan Fernandes completaria 85 anos, mas as homenagens se concentraram em agosto, mês em que a morte do mestre completava dez anos. De forma unânime, as solenidades louvaram o socialista, o homem de origem humilde e caráter ímpar, o pesquisador de capacidade de estudo exemplar e obra notável. Foi o que ocorreu na cerimônia que concedeu o nome de Florestan à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH) e na sessão solene em homenagem a ele na Assembléia Legislativa de São Paulo (Alesp). Ainda em agosto, o

professor recebeu homenagens no Congresso Nacional e em câmaras municipais de todo o Brasil. E, até o final de 2005, outros eventos deveriam ocorrer.

O governador Geraldo Alckmin não participou das homenagens. Mas foi lembrado, devido ao veto que impôs aos itens da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que destinavam mais recursos à educação. Na cerimônia na USP, o veto de Alckmin foi questionado por Bruno Ranieri, aluno de Ciências Sociais, que falou em nome dos centros acadêmicos da faculdade e do DCE. E na Alesp, pelo professor João Zanetic, vice-presidente da Adusp (**vide artigo na p. 6**).

Até a inauguração da Bibliote-

ca Florestan Fernandes, não havia rua, sala ou praça que levasse o nome do professor na USP. A lembrança foi feita por Heloísa Fernandes na cerimônia da FFLCH. A cerimônia também marcou o lançamento de um sítio sobre Florestan criado pela universidade ([www.florestan.usp.br](http://www.florestan.usp.br)). Como destacou o reitor Adolpho Melfi na ocasião, a Biblioteca possui cerca de 300 mil títulos, além de aproximadamente 150 mil periódicos. O professor Antonio Cândido, que era amigo de Florestan, conclamou os alunos da USP a aproveitarem a biblioteca, “por excelência a casa dos jovens, de quem quer estudar” e a lerem como Florestan, “um verdadeiro devorador de livros”.



Na Universidade de Yale, em 1977

**“O rememorar da vida do professor Florestan reforça a perspectiva de democratização da universidade”, declarou o pró-reitor Adilson Avansi. Para Sedi Hirano, diretor da FFLCH, “Florestan é a própria democratização da universidade”**

A “aposentadoria compulsória” de Florestan em 1969 — na verdade a cassação de seus direitos de professor e cidadão pela Ditadura, apoiada por alguns órgãos e docentes da USP — foi objeto de análise nas

homenagens, que registraram que, após alguns anos no Canadá, Florestan voltou a lecionar no Brasil, mas optou pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Ao final da cerimônia na USP, o pró-reitor de Cultura e Extensão, Adilson Avansi, declarou à *Revista Adusp* que “o rememorar da vida do professor Florestan reforça a perspectiva de democratização da universidade”. O diretor da FFLCH, Sedi Hirano, foi mais enfático: “Florestan é a própria democratização da universidade”. Coincidentemente, na homenagem realizada na Alesp, Maria Gorete, do Movimento Sem Terra, destacou a importância da instituição como “espaço de debate para que a educação se torne efetivamente um direito”.

A atualidade de Florestan foi um tema recorrente nas homenagens, que destacam sua importância tanto para enfrentar a situação de crise que o Brasil e o Partido dos Trabalhadores — que representou na Constituinte, em 1988, como deputado federal por São Paulo — hoje enfrentam, quanto para que seja resgatada a capacidade de o povo brasileiro reagir e construir sua história.

Zilda Yokoi destaca que retornar à atualidade de Florestan é perceber a necessidade de voltarmos a ele e a clássicos como Gylberto Freire, Sérgio Buarque de Hollanda e Celso Furtado. “Tratam de questões de grande importância para nosso País sobre as quais precisamos nos debruçar e explorar radicalmente”.